

**CONTRIBUIÇÃO PARA UMA
EPISTEMOLOGIA CONTEMPORÂNEA
DA PSICOLOGIA**

Jorge da Silva Raymundo

JORGE DA SILVA RAYMUNDO é Psicólogo pela Universidade Gama Filho (RJ), em 1972. Mestre em Psicologia pela PUC-RJ, em 1978. Professor Assistente da Universidade Gama Filho (1973-1976) e da UERJ (1976-1977). Professor Adjunto da Universidade Federal do Pará (1979-1985); Publicações: Mem. Inst. Oswaldo Cruz (1980;1980; 1983); Revista Psicologia (1980); Cadernos do CFCH da UFP^a (1983); SEMEC, Pará (1981).

Vários autores se preocuparam com a situação de múltiplas escolas e orientações da Psicologia e tentaram uma unificação (Wertheimer, 1924; Koffka, 1975; Lewin, 1975; Davidovich, 1982). O que se verifica, entretanto, é que, paradoxalmente, as tentativas de unificação das diversas tendências acabam quase sempre por fundar mais uma. E na maioria dos casos, sofrem de um processo de solução de continuidade, mostrando-se impotentes para levar a bom termo a tarefa. Talvez essa circunstância se deva à falta de um denominador comum, de um referencial teórico e filosófico ao qual se possa contrastar as diferentes orientações da Psicologia.

Observando o desenvolvimento da sociedade contemporânea, isto é, desde o início do século XX até hoje, notamos a vertiginosa velocidade das transformações, e a grande influência da Ciência e da Tecnologia sobre os hábitos e maneira de pensar do homem. Não é difícil perceber, por trás de tais transformações, a presença das Ciências físico-matemáticas, particularmente traduzidas na Teoria da Relatividade de Einstein e no Princípio de Indeterminismo de Heisenberg. Uma tal constatação parece justificar uma pretensão de embasamento da Psicologia na epistemologia da Física Contemporânea. A preocupação maior, nesse caso, seria uma necessária revisão e dinamização dos conceitos-base da Psicologia, ficando o ideal da unificação como uma decorrência natural, quiçá encontrável.

I

É claro que entrar nesse tipo de consideração,

é entrar num espaço polêmico. A própria Ciência, assim como a Tecnologia, polariza opiniões apaixonadas ou não. De um lado há aqueles que, como Mautner (1980), exortam os intelectuais, entre os quais podem se situar os psicólogos, a deixarem suas velhas poltronas, e ao invés de ficarem choramingando e lamentando o passado, informarem-se e informarem sobre os aspectos científico-culturais e tecnológicos que nos circundam e com os quais adentraremos o século XXI. De outro lado, estão aqueles que vão, desde uma pura rejeição da Ciência, e especialmente da Física, como veiculadoras de uma ideologia totalitária (Abramszuck, 1981), até uma atitude cética, com uma mais ou menos extensa variação de grau, nas suas argumentações (Japiassu, 1975; Bertalanffy, 1975; Freud, 1968; Marcuse, 1982; Huxley, 1976; Orwell, 1973; Skinner, 1978).

De qualquer modo, ninguém pode deixar de concordar com a observação de McLuhan (1979) sobre o estamos entrando, ou já imersos, no que ele chama de "aldeia global". Num universo assim, onde as informações abundam e se interpenetram, a Psicologia deveria se dar conta de que não há mais lugar para compartimentalizações e pruridos antigos, tipo território proibido. O que constatamos, no entanto, é que os currículos continuam os mesmos, assim como a maneira de se encarar e fazer a ciência psicológica, assim como a maneira de encarar e fazer a prática psicológica. Os vários sistemas não se cruzam, evitando ao contrário qualquer tipo de "contaminação". Há um estado de beligerância atroz, uma espécie de intransigência militante que torna a Psico-

logia um reino discórdias (Onrubia, 1977) e força sempre a uma opção com critério excludente: ou uma coisa ou outra.

A Psicologia parece sofrer daquele estado de perplexidade pelo qual passa o homem contemporâneo, em virtude da defasagem entre a maneira de pensar o mundo e as transformações violentamente rápidas impostas ao seu comportamento diário, pelas realizações científicas e tecnológicas. A Psicologia participa desse estado de esquizofrenização: vive no século XX, já na barra do século XXI, mas pensa como no século XIX (ou XVIII). O positivismo e o empirismo à la São Tomé, continuam ditando as cartas, dizendo como a Psicologia deve pensar e agir. O critério de mera acumulação de fatos é ainda uma profissão de fé, apesar da insuficiência desse procedimento ter sido repetidas vezes mostrada (Popper, 1975; Bunge, 1974; Koffka, 1975). O processo de racionalização e desrealização, engendrado pela Física, não foi ainda absorvido pela Psicologia.

II

Ora, levando-se em conta que a ação da Ciência e da Tecnologia, nos dias atuais, é incontestável, no sentido de possibilitar, concretamente, a manipulação das massas, podendo levá-las desde a apatia até a comoção nacional quando morre um líder ou um grupo artístico se apresenta, por exemplo, esse estado de alienação da Psicologia em relação à ideologia científico-tecnológica, ou físico-matemática, se for preferível, não se justifica. Supõe-se que a Psicologia deveria estar interessada nas questões referentes à manipulação e controle de cabeças individuais ou em termos de massa, a fim de, inclusive,

manter sempre atualizada a sua práxis preventiva e corretiva. Talvez se devesse aqui considerar o que propõe Stavenhagen (1971), a propósito de uma ação mais eficaz das ciências sociais do "terceiro mundo", no sentido de um deslocamento do eixo das preocupações, do estudo dos oprimidos - estudo esse que recai numa atitude paternalística - para o estudo das elites, dos sistemas de dominação.

Mas o que parece mais importante e urgente, mesmo, é atentar para o que poderíamos chamar de uma "crise da razão". Talvez no sentido que Horkheimer' (1976) ou Feyerabend (1977) dão ao termo. Ou no sentido que lhe conferem Freud (1967) e os surrealistas (Bréton, 1969; Lautréamont, 1970; Moisés, 1973). No que tange à Psicologia, seus principais sistemas estagnaram, ou pelo menos muito pouca transformação qualitativa sofreram, desde que foram inaugurados pelos seus fundadores, no início do século. Isto parece ser válido tanto para a psicanálise, quanto para o gestaltismo e o behaviorismo, entre outros, o que vem confirmar tal estado de falência.

É preciso, pois, restituir à razão psicológica o seu dinamismo, o seu poder de constante ebulição. A Psicologia participa, de fato, de toda gênese ou fonte de criação, mas atualmente sofre de dispnéia. É urgente remexer os velhos baús, misturar e substituir conceitos, cortar as linhas divisórias, romper manuais, quebrar as tábuas de receitas científicas, estourar compartimentos, devolver à razão psicológica o seu direito à respiração livre e plena.

III

Se vinculamos essa tarefa à Física Contemporânea, devemos sobre isso fazer um esclarecimento. Uma tal atitude não se prende àquela antiga postura de idolatria que a Psicologia mantinha em relação a uma Física considerada como uma ciência mais velha e portanto merecedora de reverência. O que às vezes descambava para o contrário, comportamentos de rebeldia ou de frontalmente contra; mas, de qualquer modo, sempre considerando a Física como a "autoridade", imã de tais reações. É chegado o tempo de procurar uma relação mais madura, de igual para igual, até onde pode ser. A Psicologia já perceu bastante no exílio, de modo que já pode arvorar-se a sair do "sono dogmático". Freud e Einstein foram contemporâneos e trocaram influências, o que se constata pelas correspondências a que se tem acesso (Einstein, 1981). O gestaltismo admite, com sua concepção de campo, uma confluência com as formulações de Maxwell e Faraday (Koffka, 1975; Kohler, 1978). A Psicologia analítica junguiana, investigando fenômenos sem aparente conexão causal, pode inesperadamente ser colocada na vanguarda do pensamento psicológico contemporâneo, pela sua aproximação com a microfísica (Silveira, 1974; Jung, 1969; 1980). Por que, então, é de se perguntar, esses sistemas da Psicologia não seguiram adiante, no sentido de uma coerência com os princípios relativistas e indeterministas que os imbuíram? No sentido de uma evolução como a que passou a Física Contemporânea?

E se a Física conseguiu continuar sua trajetória, a ponto de permitir incentivar uma evolução do pensamento, com a intenção de melhor compreender o

mundo e o tipo de relação que com ele mantém o homem, por que não olhar para ela sem xenofobia e tentar escutar criticamente o que ela tem a dizer? Pois o certo é que entre a epistemologia desrealizante da Física Contemporânea e a epistemologia da Psicologia, eivada do positivismo e empirismo dos séculos passados, há um enorme hiato. Apesar dos próprios físicos admitirem a relação entre Física e Psicologia, como uma consequência natural das investigações nos dois campos de preocupações (Einstein & Infeld, 1980; Heisenberg, 1969; 1975; Bronowski, 1977). Já é tempo da Psicologia tentar fazer esse tipo de travessia. Isso é válido tanto para o behaviorismo, que optou deliberadamente pelo positivismo, haja visto as concepções mais atuais avessas à construção teórica (Skinner, 1950), como para a psicologia materialista (Politzer, 1975; Luria, 1981; Vygotsky, 1962), enquanto expressando um materialismo grosseiro e anterior às revoluções na matéria efetuadas pela Física Contemporânea, enquanto adotando, em última instância, um esquema gnoseológico nitidamente empirista calcado no associacionismo pavloviano e no conceito de sensação. Isso é válido também para aquelas psicologias fiéis a princípios puramente idealistas, o que resulta em equívoco e esterilidade. Como bem caracteriza Lupasco (1982), estamos na época da terceira matéria, a quântica, que é ao mesmo tempo animada e inanimada, real e metafísica, ambígua, portanto.

IV

Baseadas em tais considerações, as pretensões do presente trabalho podem ser resumidas da seguinte forma:

1 - Tentar continuar e ultrapassar a proposta feita por Lewin (1975), quando analisa o desenvolvimento da Psicologia Contemporânea no sentido de uma gradual passagem de um modo de pensar aristotélico para um modo de pensar galileico. O que se vai procurar caracterizar aqui é, para além disso, a maneira como a Psicologia está passando de um modo de pensamento galileano e newtoniano para um modo de pensamento que acompanha a Física Contemporânea.

Para tanto, faz-se mister primeiramente um procedimento exegetico, procurando verificar até que ponto os diversos sistemas psicológicos já estão imbricados, a nível de conceitos, dessa nova epistemologia ou visão de mundo. Considerando a psicanálise, o gestaltismo e o behaviorismo, como constituindo o tronco primordial das investigações, poderíamos empreender um "passeio" pelos vários outros sistemas psicológicos e afins, pela análise de suas principais obras, como por exemplo, a psicologia genética (Piaget, 1972), a psicologia fenomenológica (Sartre, 1981; Merleau-Ponty, 1973), a Etologia (Lorenz, 1976) a Cibernetica (Wiener, 1973), e outros. A esperança é que, uma vez legitimados por esse referencial teórico e epistemológico da Física Contemporânea, muitos conceitos, atualmente proscritos ou olhados com desconfiança, possam ser "recuperados", isto é, tomados em sua verdadeira amplitude e potencial heurístico, sem a velha suspeita positivista quanto ao seu estatuto de "realidade" e contaminação metafísica, suspeita essa que aliás não terá mais razão de ser.

Só para dar um exemplo, será que não podemos dizer que a noção de inconsciente significa uma rup-

tura com o modo de pensar newtoniano e galileano? O tempo e o espaço já não deixam aí suas conotações absolutas? Já não dançam num clima einsteiniano e surreal, como acontece nos sonhos e nos relógios molles de Dali? Ou como assinala Wiener (1973), a admissão freudiana de um componente irracional na conduta e no pensamento humano, não seria de certo modo análogo à concepção indeterminista e de acaso na textura do universo, tal como formulada por Heisenberg? A partir daí, tentar analisar porque Freud não levou a aventura adiante, e a maneira de continuar esse projeto. Será porque Freud estava limitado pelo "espírito da época"? Será que agora já não se pode ousar prosseguir? Onde as raízes do medo?

2 - Iniciar um movimento de soltura da linguagem psicológica, a exemplo do que fizeram os surrealistas com relação à arte poética. Como parte essencial dessa tarefa, faz-se necessário agir contra o caráter opressivo e cerceador do operacionalismo bridgmaniano, que é hoje tendência predominante na Psicologia, e pelo qual são sumariamente "eliminados" muitos dos conceitos mais perturbadores, que não possam facilmente ser descritos em termos de operações ou comportamento. A ideologia fascista desse tipo de controlador da linguagem e do pensamento humano, já foi inclusive denunciada por outros autores, bastando lembrar Marcuse (1982), quando fala do homem unidimensional na sociedade industrial em que vivemos. Afinal de contas, uma certa porção de "impureza" nos conceitos da Física Contemporânea não a impediu de realizar suas principais descobertas ou invenções. Melhor até falar de invenções, na

medida que a maioria dos seus conceitos são construídos, a exemplo do que ocorreu com as noções de massa, força, sistema inercial, campo eletromagnético, órbitas dos elétrons, mésons, pósitrons, e outros; que verdadeiramente são mais invenções propostas do que "realidades" existentes a serem "descobertas", na acepção positivista do termo.

Trata-se, portanto, de dinamizar o pensamento estagnado, sacudir o torpor de uma razão tediada, a pagar o livro de regras fixas e "fases" do processo científico, devolver o status de dignidade à imaginação e ao papel que lhe cabe na criação científica e psicológica. Favorecer encontros fortuitos entre conceitos, assim como aconteceu entre a máquina de costura e o guarda-chuva lautreamônico. Possibilitar uma psicologia dos possíveis. Restituir, enfim, à razão humana, sua função de turbulência, contribuindo dessa forma para a intenção de Bachelard (1972) em fundar um surracionalismo, que multiplicará as ocasiões de pensar.

3 - Inaugurar um "caldeirão psicológico", com inspiração no que realizaram os artistas tropicalistas (Caetano Veloso, Glauber Rocha, José Celso Martinez, e outros) na esteira de Oswald de Andrade (1980). Por que não? O Brasil, particularmente, possui essa tradição antropofágica. Além do mais, conforme observa Heisenberg (1981), protagonista-mor da revolução no pensamento físico atual, o próprio mundo está se transformando numa espécie de crisol, onde se funde e cristaliza uma nova substância. Daí resultará, segundo ele, a possibilidade de unificação entre os campos da Física e da Psicologia.

Na prática, isso poderia começar com uma reformulação curricular, a fim de que num curso de Psicologia caiba tudo, do baião à música eletrônica, da sensação à abstração, da realidade ao sonho, do histórico ao mítico, do concreto ao metafísico, passando por todas as nuances intermediárias. É claro que isso exige, como condição de bom funcionamento e de inclusive alastramento para espaços extra-classe, uma postura intelectual diferente, por parte dos professores, mestres e doutores, encarregados de não só repassarem informações sobre o estágio atual do mundo, como também de fomentarem em seus alunos a oportunidade do pensar. Mas quão distantes disso se mostram esses guias, carentes eles próprios de conhecimentos atualizados, por não poderem ver direito, pelas viseiras do hábito e da moral lodificados, pelas prisões das ideologias caducas, pelas velhas estéticas, pela preguiça em mudar, pela incapacidade, enfim, de criativamente eles próprios pensarem! Num mundo como o de hoje, onde as distâncias não mais existem, onde os mais recônditos recantos se intercomunicam e trocam influências, a Psicologia precisa também deixar-se influenciar. A Psicologia necessita deixar seu fraque vitoriano e absorver tudo, sem dogmatismos. Sem preconceitos. Os professores devem informar e se informarem sobre as várias ideologias e lógicas atuantes no planeta, no tocante às principais atividades humanas, referentes à arte, técnica, política, religião, filosofia, ciência, e especialmente aquelas relativas à Física Contemporânea, que têm a ver com a proposta deste trabalho, e que estranhamente não fazem parte dos currículos e das preocupações dos psicólogos.

De resto, a metáfora e o exercício diário de um caldeirão podem servir para refutar o medo purista de que a Psicologia possa ser absorvida pela Física ou tornar-se sua lacaia. Pois a própria filosofia do antropofagismo é de aceitação crítica das múltiplas influências, sem xenofobias, a deglutição de tudo e a devolução de um produto que não mantém uma correspondência estrita com o comido, tipo entrada-saída das psicologias funcionalistas e behavioristas, mas que, pelo contrário, vem marcado com uma característica principal que é ao mesmo tempo regionalista e universal. Filosofia e estratégia política das regiões do chamado terceiro mundo: tomar posse das armas do colonizador, mastigar sua aparente superioridade e imponência, e depois vomitar um riso cínico e desconcertante à sua altura, à altura da sua cara! Ou até mesmo acima dela.

4 - Aventar a possibilidade e a conveniência de criar os termos "micropsicologia" e "macropsicologia", como estratégia de demarcação entre dois principais domínios da Psicologia. Sob a denominação de "micropsicologia" estariam primeiramente aquelas disciplinas que (a) estudam o psíquico, o infinitamente pequeno, ou falando de maneira mais grosseira, o "interior" do homem. Aqui se poderia colocar a psicanálise, pelo fato de girar em torno da noção de inconsciente. Também sob essa designação estariam as disciplinas que (b) se ocupam dos fenômenos psíquicos que não têm uma explicação causal e determinística aparente. Poderíamos alinhar aí a psicologia junguiana e a parapsicologia, com suas preocupações com as "coincidências significativas" e outros eventos não-causais. Por último, teríamos

aquelas disciplinas que (c) possuem uma maneira especial de tratar a causalidade e o determinismo. Seria o caso do gestaltismo, que trata de noções como "meio comportamental", "forma", "insight". todas dentro de uma concepção de causalidade estrutural, diferente da causalidade positivista-mecanicista.

Já no domínio da "macropsicologia" ficariam aquelas disciplinas que estudam os "exteriores" do homem, sua conduta, os fenômenos de nível "macro", observáveis a olho nu, e que podem ser explicados causalmente. Aí se situaria o behaviorismo, com suas variantes ortodoxa e neo, na medida do seu apêgo ao observável e verificável em termos de causa e efeito.

Cabe perguntar, a esta altura, se essa distinção não interferiria com uma motivação de homogeneização dos campos da Psicologia, visualizada como decorrência do projeto inicial de vinculação da Psicologia com a Física Contemporânea. Vale lembrar, entretanto, que se concretizada a distinção, isso não isenta as disciplinas dedicadas ao estudo dos assuntos "macropsicológicos", de sofrerem um processo de relativização de seus conceitos, a exemplo do que ocorreu com a física dos fenômenos macrocósmicos, que culminou em Einstein. O behaviorismo, portanto, teria de passar por essa relativização, o que acarretaria, com a quebra de seus referenciais absolutos, uma significativa transformação. Da mesma forma, as disciplinas "micropsicológicas" deveriam promover uma discussão das concepções puramente idealistas que porventura carreguem em seu bojo, já que a filosofia desse "novo

espírito científico", como diria Bachelard (1976), pretende uma superação das clássicas dicotomias, quando se tinha sempre que escolher entre um lado ou outro. A partir daí, os dois universos, macropsicológico e micropsicológico poderiam vislumbrar uma convivência dialetizada e pacífica, tal como acontece atualmente na Física. Ali, com efeito, podemos notar, igualmente, uma divisão em duas grandes orientações, quando Einstein, contrapondo-se à concepção indeterminista heisenberguiana, sustenta a sua convicção de que Deus não joga dados (Bernstein, 1980).

V
 A tarefa, indubitavelmente, é imensa, e pode ser que os pontos aqui arrolados não cubram toda a sua extensão. Pode ser que revelem apenas a mínima ponta de um grande iceberg. Por isso este trabalho se reveste de um sabor inaugural. Mas quando se olha para os lados e se constata o reduzido papel que a Psicologia desempenha para dirimir o estado de confusão ideológica por que passa o homem, quando se tem um misto de opulência, oriunda das conquistas científico-tecnológicas, ladeando com a fome, alastrante nas regiões menos desenvolvidas, não resta dúvida quanto à necessidade urgente que tem a Psicologia de uma auto-renovação. No sentido mesmo de uma revolução, de um corte onde se teria um saber novo, sem ponto de retorno (Fichant & Pecheux, 1971; Garcia-Roza, 1972).

O objetivo deste ensaio é, em suma, propor o estabelecimento das condições para a implantação de uma "filosofia aberta" para a Psicologia. No final das contas, seria trazer, especificamente para a Psico

logia, o cerne daquilo que Bachelard fez em relação à epistemologia das ciências em geral, apoiado nos ensinamentos e métodos das ciências físico-matemáticas e do surrealismo. Parece que somente dessa maneira a Psicologia poderia enxergar os contornos de seus problemas próprios, como objeto de estudo, campo e métodos de investigação. E, mais importante que tudo, começar um processo de recuperação de sua memória, através de um procedimento de dinamização e dialetização de seus conceitos, realizando uma espécie de psicanálise da sua história, a fim de que, a partir daí, possa transcender-se e obter uma visão totalizante do homem no espaço e no tempo. Como bem assinala Gerber (1982), a propósito do projeto glauberiano em relação ao cinema.

Talvez assim a Psicologia possa delinear sua identificação e reencontrar sua verdadeira vocação e realidade pedagógica, tão reclamadas por Japiassu (1980). Talvez assim consiga superar o incansável dualismo com que se defronta há séculos, caminhando para um ponto, já procurado pelas psicologias surrealista e oriental, onde não haja mais necessidade de necessidades referenciais. Aí alcançaria o ideal de unificação.

BIBLIOGRAFIA

- ABRAMCZUK, A.A. - O mito da ciência moderna. Cortez, S. Paulo, 1981.
- ANDRADE, O. - Manifesto antropofágico. In: Oswald de Andrade, Literatura Comentada. Abril Cultural, S. Paulo, 1980.
- BACHELARD, G. - Filosofia do novo espírito científico. Editorial Presença, Lisboa, 1976.
- BACHELARD, G. - L'engagement rationaliste. Presses Universitaires de France, Paris, 1972.
- BERNSTEIN, J. - As idéias de Einstein. Cultrix, S. Paulo, 1980.
- BERTALANFFY, L.V. - Teoria geral dos Sistemas. Vozes, Petrópolis, 1975.
- BRETON, A. - Manifestos del surrealismo. Ediciones Guadarrama, Madrid, 1969.
- BRONOWSKI, J. - Um sentido do futuro. Editora Univ. Brasília, Brasília, 1977.
- BUNGE, M. - Teoria e realidade. Perspectiva, S. Paulo, 1974.
- DAVIDOVICH, E. - Psicanálise, Psicologia e o processo científico: teoria de campo unificado em psicologia. Lidador, Rio, 1982.
- EINSTEIN, A. - Como vejo o mundo. Nova Fronteira, Rio, 1981.
- EINSTEIN, A. & INFELD, L. - A evolução da física. Zahar, Rio, 1980.
- FEYERABEND, P. - Contra o método. Francisco Alves, Rio, 1977.
- FICHANT, M. & PECHEUX, M. - Sobre a história das ciências. Editorial Estampa, Lisboa, 1971.
- FREUD, S. - La interpretación de los sueños. Biblioteca Nueva, Madrid, V.I, 1967.

- FREUD, S. - El malestar en la cultura. Biblioteca Nueva, Madrid, V, II, 1968.
- GARCIA-ROZA, L. A. - Psicologia estrutural em Kurt Lewin. Vozes, Petrópolis, 1972.
- GERBER, R. - O mito da civilização atlântica. Vozes, Petrópolis, 1982.
- HEISENBERG, W. - Problemas da física moderna. Perspectiva, S. Paulo, 1969.
- HEISENBERG, W. - Diálogos sobre física atômica. Verbo, Lisboa, 1975.
- HEISENBERG, W. - Física e filosofia. Editora Univ. Brasília, Brasília, 1981.
- HORKHEIMER, M. - Eclipse da razão. Ed. Labor do Brasil, Rio, 1976.
- HUXLEY, A. - Admirável mundo novo. Ed. Globo, Porto Alegre, 1976.
- JAPIASSU, H. - Introdução à epistemologia da psicologia. Imago, Rio, 1975.
- JAPIASSU, H. - A psicologia dos psicólogos. Imago, Rio, 1979.
- JUNG, C. G. - O homem e seus símbolos. Nova Fronteiras, Rio, 1980.
- JUNG, C. G. - Sincronicidade. Vozes, Petrópolis, 1984.
- KOFFKA, K. - Princípios de psicologia da Gestalt. Cultrix, S. Paulo, 1975.
- KOHLER, W. - Psicologia. Ática, S. Paulo, 1978.
- LAUTRÉAMONT, Z. - Os cantos de Maldonor. Vertente, S. Paulo, 1970.
- LEWIN, K. - Teoria dinâmica da personalidade. Cultrix, S. Paulo, 1975.
- LORENZ, K. - Biología del aprendizaje. Paidós, Buenos Aires, 1976.
- LUPASCO, S. - Com Stéphane Lupasco sobre as tres matérias. In: Hória, V. Viagem aos centros da terra.

- Ed. Verbo, Lisboa, 1972.
- LURIA, A.R. - Fundamentos de neuropsicologia. Livros Técnicos, Rio, 1981.
- MCLUHAN, W. - Os meios de comunicação como extensão do Homem. Cultrix, S. Paulo, 1979.
- MARCUSE, H. - A Ideologia da sociedade Industrial. Zahar, Rio, 1982.
- MAUTNER, J. - Panfletos da Nova era. Global, S. Paulo, 1980.
- MOISÉS, L. P. - Falência da crítica. Perspectiva, S. Paulo, 1973.
- ONRUBIA, L.F.G. - Epistemologia de la Gestalttheorie. In: Zirinsky, D. (ed.) - Métodos de investigación en psicología y psicología. Nueva Vision, Aires, 133-157, 1977.
- ORWELL, G. - 1984. Cia Editora Nacional, S. Paulo, 1973.
- PIAGET, J. - A epistemologia genética. Vozes, Petrópolis, 1972.
- POLITZER, G. - Princípios fundamentais de filosofia. Hemus, S. Paulo, 1975.
- POPPER, K. - A Logica da pesquisa científica. Cultrix, S. Paulo, 1975.
- SARTRE, J.P. - El ser y la nada. Ed. Losada, Buenos Aires, 1981.
- SILVEIRA, N. - Jung, Vida e obra. José Álvaro, Rio, 1974.
- SKINNER, B. F. - Walden II: uma sociedade do futuro. EPU, S. Paulo, 1978.
- SKINNER, B. F. - Are the theories necessary? *Psychol. Rev.* 1950, 57: 153-216.
- SIAVENHAGEN, R. Decolonizing applied social sciences. *Human Organization*, 1971, 30, 333-57.
- VYGOTSKY, L.S. - Thought and language. MIT Press, Cambridge, 1962.
- WERTHEIMER, M. - Über Gestalttheorie, Berlin, 1924. In: Ellis, W.D. - A Source book of Gestalt psychology. Routledge & Kegan Paul, London, 1974.
- WIENER, N. - Cibernética e sociedade. Cultrix, S. Paulo, 1973.

ASPECTOS PSICOLÓGICOS SOBRE O ALCOOLISMO

Artêmio da Trindade Ferreira

Artêmio da Trindade Ferreira, professor Adjunto IV do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Pará, formado em Teologia na Faculdade de Teologia N. Sra. da Assunção (PUC-S. Paulo, 1958). Atuou durante anos em Psicologia da Personalidade e Psicologia do Homem Brasileiro para o Curso de Psicologia. Foi chefe do Departamento de Filosofia e Psicologia. Realizou vários cursos de Especialização: em Letras Clássicas, na USP (1965/66), em Teologia (PUC/SP - 1966) em História da Filosofia Moderna e Contemporânea (UFPA-1971) Psicologia da Aprendizagem e Percepção, Psicologia Social, Psicofisiologia, Psicologia do Desenvolvimento e Programação de Cursos individualizados.